



RELATO DE EXPERIÊNCIA

Educação física escolar e educação de jovens e adultos: desafios da docência no ensino remoto emergencial

School physical education and youth and adult education: Challenges of teaching in remote education

Wagner César Pinheiro Costa^{1,2}, Willian Lazaretti da Conceição^{3,4}

¹ Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC), Belém, Brasil

² Secretaria Municipal de Educação de Vigia de Nazaré (SEMED), Vigia de Nazaré, Brasil

³ Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Brasil

⁴ Universidade Nova de Lisboa (NOVA), Lisboa, Portugal

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 21 junho 2021

Revisado: 04 agosto 2021

Aprovado: 12 agosto 2021

PALAVRAS-CHAVE:

Ensino Remoto Emergencial;
Educação; Pará.

KEYWORDS:

Emergency Remote Education;
Education; Pará.

RESUMO

INTRODUÇÃO: A presente pesquisa foi desenvolvida à luz das experiências docentes no atendimento educacional a estudantes matriculados/as na Educação de Jovens e Adultos (EJA) que foram imersos no Ensino Remoto Emergencial (ERE) em decorrência da COVID-19.

OBJETIVO: Apresentar os desafios que emergem do processo de ensino e de aprendizado na ação pedagógica de professores/as de Educação Física que trabalham no ERE com turmas da EJA.

MÉTODOS: Participaram do estudo, 3 professores de Educação Física, do município de Vigia de Nazaré no Estado do Pará - Brasil que lecionam nos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio em duas escolas públicas estaduais que atendem a modalidade EJA. De cunho qualitativo, a pesquisa usou como instrumento de coleta uma entrevista semiestruturada. A análise de conteúdo subsidiou o tratamento dos dados das entrevistas.

RESULTADOS: Através dos relatos obtidos foi possível deparar com as grandes dificuldades dos/as professores/as de Educação Física em relação ao ensino por meio do ERE e a dura realidade excludente do mesmo em relação aos/às alunos/as da EJA.

CONCLUSÃO: Conclui-se, que o presente estudo poderá provocar novas discussões sobre o Ensino Remoto Emergencial e seu papel excludente na área da Educação, em especial no âmbito da Educação Física Escolar e a EJA.

ABSTRACT

BACKGROUND: This research was developed in the light of the teaching experiences in the educational care of students enrolled in Youth and Adult Education (EJA) who were immersed in Emergency Remote Education (ERE) due to the COVID-19.

OBJECTIVE: To present the challenges that emerge from the teaching and learning process in the pedagogical action of Physical Education teachers who work in the ERE with EJA classes.

METHODS: The study included 3 physical education teachers from the municipality of Vigia de Nazaré in the State of Pará - Brazil who teach in the final years of elementary school and high school in two state public schools that have the modality EJA. Of qualitative nature, the research used as a collection instrument a semi-structured interview. The content analysis supported the treatment of the data from the interviews.

RESULTS: Through the reports obtained it was possible to face the great difficulties of physical education teachers in relation to teaching through ERE and the harsh excluding reality of the same in relation to the students of the EJA.

CONCLUSION: It is concluded that this study may provoke new discussions on Emergency Remote Education and its excluding role in the area of Education, especially in the field of School Physical Education and the EJA.

INTRODUÇÃO

Em tempos atuais o grande desafio no campo da educação, em especial no componente curricular Educação Física no contexto da pandemia, é se adaptar às bruscas mudanças para adequar os processos de ensino e de aprendizado por meio de tecnologias da informação/ comunicação e atender com equidade aos estudantes da EJA, bem como outros públicos que historicamente vem sendo marginalizados pela ausência de efetividade das políticas públicas, tais como comunidades ribeirinhas (SANTOS, 2014), privados de liberdade (CONCEIÇÃO, 2017), quilombolas (SOUZA, 2020) e, notadamente na região Norte do país essa situação parece ser ainda pior.

Nessa esteira, nos debruçamos sobre a investigação dos processos de ensino e de aprendizagem em duas escolas vinculadas à Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC-PA), as quais denominaremos de Apoena e Açaí. Ao todo fizeram parte desta pesquisa turmas da modalidade EJA do ensino fundamental II pertencentes a escola Apoena e turmas da modalidade EJA do fundamental II e do ensino médio pertencentes à escola Açaí. Por questões éticas, os professores de Educação Física que participaram desta pesquisa serão denominados de prof. 1, prof. 2 e prof. 3.

Segundo Silva, Alves e Fernandes (2021), em relação às novas exigências quanto a utilização de tecnologias digitais na educação, é possível verificar que estas provocaram bruscas mudanças no campo da didática. Assim sendo, a ação pedagógica de professores de Educação Física, também teve que se adaptar de forma emergencial no que tange a procura por formação continuada, além do enfrentamento de obstáculos por parte dos mesmos em relação as aulas remotas aos alunos da EJA.

Dentro desse contexto, o ERE é a estratégia mais utilizada pelas instituições para o processo de ensino e de aprendizagem dentro da nova realidade pandêmica, porém, ainda há poucos estudos acerca da utilização do ERE nas aulas de Educação Física e principalmente no contexto situado da Educação de Jovens e Adultos.

Segundo Melina Rodrigues (2010), a EJA se diferencia por ser uma modalidade de ensino que tem como uma de suas características atender pessoas que, por motivos diversos, acabaram se distanciando dos bancos escolares e que na maioria das vezes estes indivíduos pertencem às classes menos favorecidas da sociedade. Nesse sentido, acredita-se que as barreiras já enfrentadas historicamente pela EJA como a alta taxa de evasão, público marginalizado e baixo interesse na realização das atividades, tenham sido ampliados em tempo de pandemia.

De acordo com Fatinato, Vargas e Moura (2020, p.107), “em tempos de pandemia e de acirramento de desigualdades sociais, acentua-se a invisibilidade a desumanização dos sujeitos liminares ou sujeitos subalternos-como podem ser considerados os sujeitos da EJA, devido às múltiplas exclusões a que são submetidos”. Assim sendo, a EJA apresenta especificidades que não podem ser supridas completamente pelo ERE, pois, representada por uma parcela da população composta por trabalhadores cujas histórias de vida revelam um passado de exclusão escolar, nos remete a refletir sobre as idiosincrasias acerca do bom desempenho desse público em atividades remotas, haja vista que a maioria ocupa uma faixa etária elevada e, em alguns

casos, nunca tiveram acesso à tecnologia.

Imersos a esta conjuntura, estão os professores de Educação Física que precisaram adaptar-se às aulas para o Ensino Remoto Emergencial e pode-se deduzir que as adaptações em decorrência da pandemia, causou uma modificação na ação pedagógica dos professores e fez com que estes repensassem a própria condição docente (IZA et al., 2014). Por outro lado, esse cenário pandêmico pode ter reforçado as identidades docentes, ao passo que aqueles que já tinham um elevado nível de engajamento com a educação procuraram aprender, não medindo esforços, buscando refletir e agir a partir da própria ação docente (OLIVEIRA et al., 2019).

Dentro desse contexto, a reorganização das atividades escolares em caráter emergencial trouxe impactos imediatos na Educação Básica pública, neste cenário surgem as disparidades no acesso à tecnologia por parte dos alunos e o despreparo dos professores em relação ao uso dos recursos digitais. Para Tomazinho (2020), o ERE é hoje a única opção que os alunos têm para aprender, porém não estávamos preparados para isso, pois o Currículo não estava adaptado para um ensino online e muito menos os professores foram capacitados para ensinar online.

Quanto ao ERE, o mesmo foi aprovado por meio da Medida Provisória nº 934/2020, que solicitava a flexibilização do cumprimento do calendário escolar. O Ministério da Educação (MEC) homologou essa medida com o Parecer nº 5/2020, autorizando que as atividades não presenciais pudessem ser computadas para o cumprimento da carga horária mínima anual em razão da pandemia e da consequente suspensão das aulas presenciais (BRASIL, 2020).

Em relação ao ERE, indaga-se se ele está sendo um meio facilitador nas aulas de Educação Física considerando a especificidade da área.

A Educação Física brasileira tem tido muita dificuldade de traduzir seus avanços epistemológicos e teóricos para o campo da intervenção pedagógica, em particular no âmbito escolar. O enfrentamento deste desafio tem colocado questões importantes para os processos de formação (inicial e continuada). Sabemos, por outro lado, dos limites destes processos quando verificamos o cotidiano dos espaços/tempos escolares e as diferentes posturas assumidas pelos professores. (BRACHT; SILVA, 2012, p. 81).

As discussões sobre a superação da crise de identidade no campo da Educação Física avançaram de modo substancial nas últimas décadas, mas com esta pandemia as ações docentes vieram à tona, de modo publicizado à medida que as crianças foram impedidas de frequentarem os espaços escolares e as orientações dos professores de Educação Física tem evidenciado uma assimetria entre a teoria e a prática, ou seja, professores que se afirmavam progressistas, direcionando atividades de reprodução de movimento.

Segundo Costa e Conceição (2013),

O papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas expressivas, em seus fundamentos e técnicas, mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas atividades corporais. E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (p. 4).

Assim sendo, fica evidente que os objetivos da Educação Física na escola não se limitam à prática esportiva, mas como par-

te integrante da mesma que tem sua colaboração na construção do ser humano. Nesse caso, não podemos deixar de enfatizar um dos papéis excludentes do ERE quando o mesmo não permite ao estudante da EJA o acesso integral a esses conhecimentos, ou seja, não contempla o direito pleno à educação. Quando narramos “um dos papéis excludentes”, é porque a maioria dos alunos da EJA são de baixa renda e habitam lugares precários ou zona rural e que não possuem sinal adequado de internet, expondo ainda a desigualdade educacional e social de nosso país.

Além das dificuldades de acesso às plataformas de ensino e do grande número de brasileiros sem acesso à internet, acrescentam-se os brasileiros que têm acesso precário à internet, subindo para 70 milhões (SOPRANA, 2020). Nesse contexto, o que vivenciamos atualmente em tempos de pandemia é a ameaça real e evidente ao pleno direito a inclusão social e educacional dos estudantes da EJA.

MÉTODOS

A pesquisa foi realizada em duas escolas da rede pública de Vigia de Nazaré, município no interior do Estado do Pará. As escolas atendem estudantes da EJA do Ensino Fundamental II (escola Apena) e EJA do Ensino Fundamental II e do Ensino médio da Escola Açai, ambas da zona urbana central que atendem alunos do centro da cidade, da periferia, da zona rural e de localidades mais distantes.

Para dar início à pesquisa, entramos em contato com os professores que lecionam nessas escolas e esclarecemos sobre o propósito e a importância desta investigação. Cada entrevista teve em média 20 minutos, foram tomados os devidos cuidados sanitários recomendados pela Organização Mundial de Saúde. Os participantes da pesquisa foram 3 (três) professores de Educação Física que aqui denominaremos prof. 1, prof. 2 e prof. 3 que atuam na modalidade EJA (fundamental II e médio) e que aceitaram colaborar com a pesquisa. A pesquisa é de cunho qualitativo, por se mostrar mais adequada a este tipo de investigação, pois segundo Silva (2004), é o tipo de pesquisa apropriada para quem busca o entendimento de fenômenos complexos específicos e em profundidade, de natureza social e cultural, mediante descrições, interpretações e comparações, sem considerar os seus aspectos numéricos em termos de regras matemáticas e estatísticas.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada com as seguintes indagações: “1. Como está sendo trabalhar com a EJA através do Ensino Remoto Emergencial? 2. Quais as estratégias para as aulas remotas em relação ao atendimento dos/as estudantes da EJA? 3. Como você percebe a participação dos/as alunos/as da EJA em relação às atividades impressas? 4. Como é a participação dos/as alunos/as da EJA pelos grupos de *WhatsApp*? 5. Você estava preparado para a utilização de ferramentas tecnológicas nas aulas de Educação Física por meio do Ensino Remoto Emergencial? 6. Você percebeu um aumento ou diminuição da carga horária de trabalho no Ensino Remoto emergencial? 7. Você pode conceituar Ensino Remoto e Ensino Híbrido? 8. Você fez algum tipo de investimento para a realização das aulas através do Ensino Remoto Emergencial? 9. Quanto a evasão escolar dos/as alunos da EJA em relação ao Ensino Remoto Emergencial, qual a sua percepção neste atual momento pandêmico?”, pois segundo

Ludke e André (1986), a entrevista possibilita uma melhor aproximação com a interpretação dos informantes, sendo a forma semiestruturada mais flexível. Foi realizada a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que se refere a um grupo de técnicas de análise das falas ou expressões fazendo uso de procedimentos ou fases sistemáticas para auxiliar a descrição dos conteúdos das mensagens. Nesse sentido, organizamos nosso relato em tópicos que emergiram após as narrativas dos entrevistados, procuramos transcrever fielmente as falas dos entrevistados para assim destacar o caráter fidedigno das mesmas. As reflexões passam por 2 temas, são eles: estratégias e impactos em relação aos discentes e dificuldades encontradas pelos docentes em relação ao ERE.

A pesquisa de campo desenvolveu-se no período de março a maio do corrente ano, colhendo os relatos de 3 professores de que ministravam as aulas de Educação Física remotamente por meio de tecnologias digitais como o aplicativo *WhatsApp*, *Google forms* e *Google Meet*, além da distribuição de caderno de atividades produzidos pelos professores de cada componente curricular contendo textos e atividades por períodos de 15 dias. Esses cadernos eram impressos na 11ª Unidade Regional de Ensino (URE), nas próprias escolas e pelos próprios professores, os alunos, pais ou responsáveis deveriam buscar e devolver os mesmos em data e horário pré-determinados.

As aulas aconteciam remotamente no período noturno com horários fixos e pré-estabelecidos. Os professores deviam enviar por meio do correio eletrônico institucional de suas respectivas escolas o envio das planilhas que foram disponibilizadas e normatizadas pela Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) que continham as orientações para o preenchimento do conteúdo ministrado, a carga horária do período, os meios utilizados para o atendimento aos alunos e a pontuação obtida pelos mesmos naquele determinado período com valor máximo de 2,5 pontos que ao final do bimestre poderiam configurar-se com nota máxima 10 pontos. Ao todo, os professores deveriam preencher 4 planilhas que de forma cumulativa correspondiam a 1 bimestre e serviam como instrumento avaliativo.

O estudo teve cuidados éticos como o encaminhamento de um documento explicativo do projeto aos voluntários a fim de informar sobre os objetivos, a relevância e os procedimentos metodológicos do estudo. Os voluntários assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e ficaram cientes de que a qualquer momento poderiam, sem constrangimento, deixar de participar da pesquisa. Foram tomadas todas as precauções no intuito de preservar a privacidade dos voluntários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados apresentados a seguir foram estruturados a partir das informações colhidas junto aos entrevistados. Logo no início da entrevista do Prof. 1 que trabalha na escola Açai, foi relatado que “como professor tive muita dificuldade de trabalhar com a EJA, no sentido de que são novas ferramentas que a gente está utilizando e a gente percebe que os alunos têm pouco acesso a uma internet de qualidade”. Nessa perspectiva, Tomazinho (2020), enfatiza que é até compreensível que não se teve tempo para planejar uma solução educacional remota, pois nunca se pensou na possibilidade dos nossos alunos e professores deixarem de frequentar as salas de aulas, mas chamar

esse ensino emergencial de educação seria um afronto à ciência da educação e às teorias educacionais. Assim sendo, os conteúdos deveriam ser adequados à compreensão dos estudantes e possibilitar a participação de todos, além de oportunizar a troca de experiências aluno/professor e aluno/aluno, o que não ocorre neste momento no ERE como ferramenta educacional, pelo contrário, percebe-se um grande obstáculo para tal.

Estratégias e impactos em relação aos discentes

Quanto às estratégias para as aulas remotas e atendimento aos estudantes, o prof. 2 que também leciona na escola Açai, informou que “nós criamos um site da escola onde os alunos teriam que acessar para resolver as questões na plataforma do Google Forms, muitos alunos não têm acesso a uma internet de qualidade e fica muito difícil pra eles resolverem essas questões...nesse sentido a escola criou uma estratégia de criar atividades impressas para eles buscarem na escola”.

Plataformas para receberem os envolvidos com o ensino remoto foram criadas, acordos comerciais firmados entre Governos e empresas que oferecem suas expertises neste segmento e, em um passo acelerado a Educação saiu das salas de aula para atrás de telas de computadores, celulares e dispositivos móveis. Questão crucial, no entanto, está localizada no fato de que coube a professores planejarem e, acima de tudo, executarem aulas virtuais sem tempo para refletirem e, muito menos, estabelecerem um acordo coletivo (GOULARTE; BOSSLE, 2020, p. 70).

A utilização de tecnologias digitais aponta para duas contradições, a falsa impressão de que a tecnologia seria uma forma de revolução no processo de ensino e aprendizagem em tempos remotos e, a certeza de que ela não foi devidamente inserida no contexto educacional justamente por seu caráter emergencial, trazendo grandes desigualdades de oportunidades para aqueles que historicamente são deixados às margens do processo educacional como os alunos da EJA.

Quanto a participação dos alunos da EJA em relação às atividades impressas, o prof. 2 relatou que “a gente percebeu que melhorou muito a participação, no entanto isso não impediu que a evasão escolar continuasse... as atividades impressas são muito propícias aos alunos da cidade... da zona rural a dificuldade aumenta ainda mais, porque eles não têm como vim pra cidade pra buscar esse material, porque sai um preço muito alto pra eles”. Dentro desse contexto, Laibida e Pryjma (2013) consideram que a evasão escolar acontece quando o aluno deixa de frequentar as aulas, sinalizando o afastamento das atividades escolares durante o ano letivo. Nesse sentido, é perceptível essa evasão conforme relatam os professores.

Em relação a evasão, o prof. 1 destacou a necessidade de um olhar atento por parte do professor em relação ao alunado da EJA quando falou que “além de o professor ter esse papel de transmitir o conhecimento com a EJA, isso vai muito além porque a gente tem que ser um motivador... a gente se depara a toda hora com alunos cansados...né...eles já chegam numa lida diária pra ainda ter que lidar com uma internet lenta de pouca velocidade pra tentar baixar alguns conteúdos que são em PDF, que são em Word, muitos deles não tem uma internet banda larga, eles tentam acessar o site da escola com internet do celular deles que desconta né... pelo uso, então querendo ou não, sai muito oneroso pra esses alunos”.

Em relação a participação dos alunos da EJA pelos grupos de

WhatsApp, o prof. 1 relatou que “muitos alunos saíram do grupo de *WhatsApp* e a evasão continua... a gente fica muito, muito preocupado com o que está acontecendo com essas turmas da EJA da noite... por exemplo, turmas de 40 alunos, a gente vai ter uma participação efetiva nos grupos de *WhatsApp*... uma participação de 8 alunos... e a gente vê que muitos preferem as atividades impressas”.

Segundo Rubens Rodrigues (2010), a grande desigualdade social que obriga muitos jovens a abandonarem seus estudos na busca de emprego para ajudarem suas famílias, acabam se deparando com a necessidade de uma melhor qualificação e isso os leva de volta à sala de aula. Entretanto, ao chegar nesse ambiente percebem que a didática dos professores e os recursos por eles utilizados mudaram com o decorrer do tempo e em se tratando de novas tecnologias é grande a dificuldade de adaptação.

Nesse sentido, observa-se que os desafios encontrados neste momento pandêmico agravaram ainda mais a problemática da exclusão social e agora também digital. Para os professores, esse cenário é desafiador, pois é necessário ter um olhar mais humanizado em relação ao aluno, pois o momento atual do processo de ensino e aprendizagem exige esse cuidado. É possível notar esse cuidado na fala do prof. 2 em relação ao desafio de registrar as médias na planilha quando afirmou que “a gente faz de tudo para que nenhum trabalho fique sem nota, a gente tenta aproveitar o máximo do trabalho deles, se... num bimestre são quatro trabalhos e ele ficou impedido de realizar algumas dessas atividades, seja pelo lockdown, seja pela dificuldade de internet, seja pela escola não ter localizado o número do celular dele pra colocar no grupo do *WhatsApp*, se ele ainda assim fizer alguma atividade a gente multiplica ela pelos restantes, mas está sendo muito difícil a participação pelos alunos da EJA”.

De acordo com Darido e Rangel (2008), a avaliação deve favorecer o autoconhecimento e a análise das etapas já ultrapassadas para que sejam alcançados os objetivos traçados no processo de ensino. Portanto, é um processo contínuo para diagnosticar a situação e, nesse sentido, o processo avaliativo é falho e incoerente, pois se dá por meio de uma única atividade que servirá como referência para a mensuração do processo de ensino e aprendizagem, deixando evidente a grande lacuna a ser preenchida na formação desse alunado.

Dificuldades encontradas pelos docentes em relação ao ERE

Um relato interessante que o prof. 2 fez foi sobre o não conhecimento do conceito de ensino remoto e ensino híbrido quando afirmou que “não assim, em seco, não... a gente entende que o ensino remoto é um ensino a distância utilizando novas ferramentas digitais e o ensino híbrido, ele vem ser... a mescla do ensino presencial com o ensino a distância, mais ou menos isso”.

Em relação a utilização das ferramentas tecnológicas nas aulas de Educação Física o prof. 3 que leciona na escola Apóema, relatou que “a gente não estava preparado, o que aconteceu, foi que a gente se deparou com novas metodologias, com novas ferramentas digitais e...e... a gente teve que pedir ajuda pra outros colegas de profissão para poder utilizar essas ferramentas como *Google Forms*, *Google Class* o *Meet*...é... algumas planilhas, transformar documentos do Word para PDF...”

acessar melhor a internet, então a gente ficou muito, muito... muito estressado em algum momento...mas o lado positivo é que os professores tiveram contato com conteúdos atualizados, com recursos, com metodologias atualizadasfoi quase uma formação continuada mesmo que velada, que a gente teve que fazer”.

Neste momento em que vivemos, que vive a educação brasileira diante da desigualdade já pautada de escolas públicas e privadas e pelas escolas públicas entre elas é... traz essa emergência que é o processo de ensino mais amplo educativo fora da escola, esse é o grande desafio que a sociedade brasileira está enfrentando e após 1 (um) ano já é possível fazer um balanço né... do que foi possível, do que poderia ser feito e não foi feito e dessas novas nomenclaturas que acabaram por “povoar” a educação: ensino remoto, aulas síncronas, aulas assíncronas, EAD, ensino híbrido. Tudo isso está sendo colocado, ou muitas vezes, “despejado” para a comunidade de educadores e educadoras e para a sociedade em geral, como se fossem soluções não só para em tempos de pandemia, mas para quando nós tivermos retornado às aulas presenciais (ZANARDI, 2021, s/p).

A fala de Zanardi (2021) vem corroborar com o relato do professor no sentido de que todos precisaram se reinventar em tempo recorde e deficitário para a utilização do ERE para a realização das aulas durante o isolamento social, esse aspecto também foi evidenciado em Costa e Conceição (2021).

O prof. 3 ainda relatou o aumento da carga de trabalho neste momento pandêmico quando disse que “o quantitativo de atividades, ele excedeu até se a gente comparar com as aulas presenciais...pela dificuldade que alguns professores de lidar com o computador, de mexer com a internet, esse tempo ficou muito dificultoso... muitos professores não tinham sequer computador ou não tinham um celular bom para realizar esse tipo de atividade remota, alguns professores tiveram que comprar e tentar aprender a mexer com essas novas ferramentas”.

De acordo com Souza et al. (2021, p. 6) “Para dar conta de todas as tarefas, é necessário realizar atividades fora da jornada formal de trabalho, como gravar aulas, disponibilizá-las em plataformas digitais e atender aluno(a)s por aplicativos como o *Whatsapp*, muitas vezes, em grupos criados pela própria coordenação escolar”. Percebe-se aí a desconfiguração de um ambiente de trabalho organizado, tornando estressante e, até certo ponto, desmotivante para o docente com jornadas de trabalho extenuantes.

Não obstante, outro relato importante foi o investimento realizado pelos professores, na fala do prof. 1 que disse “ eu tive que ir ao banco fazer um empréstimo pessoal pra poder comprar um notebook porque eu não tinha e o valor era bem alto, então não só eu como muitos professores tiveram que aderir a essa prática, porque essas ferramentas... elas...exigiam aparelhos bem modernos, por exemplo, não dava pra ter muitas turmas pelo *WhatsApp* com celulares com uma baixa memória... muitos professores tiveram que trocar de celular para dar conta dessas modalidades”.

De acordo com Souza et al. (2021), coube ao professor a iniciativa de transformar o espaço domiciliar em local de trabalho permanente para o atendimento dos alunos por meio do ensino remoto. Assim sendo, todos os custos relacionados ao mesmo como infraestrutura física, computador, câmera, microfone, impressora, internet, luz elétrica, mobiliário, entre outros, ficaram a cargo dos docentes. Para aqueles docentes que não tinham afinidade e/ou formação com tais tecnologias, dentre outras

coisas, foi necessário o apoio de familiares ou colegas de profissão para se adaptarem a essa nova realidade. Dessa forma, os próprios docentes foram os responsáveis desse processo de adaptações num curto espaço de tempo.

Assim sendo, a pesquisa mostra que a realidade dos docentes das duas escolas quanto a dificuldade na utilização de ferramentas tecnológicas e a necessidade de investimento com recursos próprios para a utilização das mesmas. Neste sentido, verifica-se os enormes desafios que professores vivenciam neste momento de pandemia da COVID-19 sendo obrigados a se reinventar e ressignificar sua prática pedagógica procurando meios de promover uma educação que atenda minimamente aos estudantes da EJA frente ao ERE.

Nesse sentido percebe-se que a desigualdade e injustiça social aos grupos historicamente desfavorecidos, como o da EJA, são potencializadas nesse período de isolamento social pela pandemia, além da situação desafiadora em que os docentes de Educação Física se deparam neste momento.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Falar da Educação Física Escolar, da EJA no contexto situado do ERE, é dialogar sobre o papel excludente que esta modalidade de ensino age sobre estes estudantes, sendo também uma reflexão para expor as condições desafiadoras e desumanas que professores de Educação Física vivenciam para se apropriar das ferramentas tecnológicas digitais necessárias para o atendimento a este público, estando à mercê da própria sorte para angariar fundos para poder trabalhar, tal como o empréstimo a juros abusivos em instituições bancárias, para que seja possível atender minimamente aos estudantes. No que tange a inserção do ERE, se percebeu nesse estudo que esses desafios são acentuados em relação à EJA, no processo de ensino e aprendizagem, pois foi necessária a implementação de estratégias de atendimento aos mesmos e que mesmo assim não foi possível evitar o alto índice de evasão escolar.

As experiências relatadas pelos professores de Educação Física nesse estudo, revelaram a difícil realidade que docentes e estudantes enfrentam quanto ao acesso aos conteúdos e atividades disponibilizadas por meio digital e/ou impresso, devido às condições socioeconômicas que refletem as desigualdades sociais e de acesso por parte desses estudantes. Os desafios apresentados oportunizam uma reflexão acerca da garantia de acesso e inclusão digital para permitir a continuidade dos estudos em tempos de pandemia e na utilização do ERE. Nesse sentido, por meio dos resultados obtidos no campo do ensino da Educação Física com a adoção do ERE para alunos da EJA, intenciona-se compartilhar as experiências de professores de Educação Física para fomentar reflexões acerca dos desafios relacionados às práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem neste momento de isolamento social.

Nessa perspectiva, conclui-se que as revelações dos enormes desafios atribuídos pelos professores de Educação Física evidenciam a enorme lacuna que este momento pandêmico causa no dentro do processo de ensino e de aprendizagem em relação ao público da EJA, sendo estes prejudicados por não terem acesso à tecnologia e internet, e como citado anteriormente, ocasionando um grande índice de evasão escolar. Caminhando de forma conjunta professores de Educação Física

também revelaram suas angústias e preocupações na busca de conhecimento relacionado ao ERE, no investimento pessoal para aquisição de tecnologias, além de uma carga de trabalho aumentada e estressante. Esse estudo, dentre outras coisas, possibilitou adentrar na dura realidade do processo de ensino e aprendizagem através do ERE em relação ao atendimento dos estudantes da EJA em duas escolas do interior do Pará e que pode ser a realidade de muitas cidades do país. Conclui-se, que o presente estudo poderá provocar novas discussões sobre o ERE e seu papel excludente na área da Educação, em especial no âmbito da Educação Física Escolar e da EJA.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições, v. 70, 2011.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acessado em: 2 de maio de 2021.
- CONCEIÇÃO, W. L. da. **Histórias de vidas que se unem**: a professora, o professor e os [elos com os] jovens infratores. Campinas. 136f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- COSTA, W. C. P.; CONCEIÇÃO, W. L. da. Estudo de caso da educação física em escolas públicas estaduais de Vigia de Nazaré - PA/Brasil. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Revista Digital, Buenos Aires, v. 177, p. 1-10, 2013. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd177/educacao-fisica-em-escolas-publicas-estaduales.htm>>. Acessado em: 13 de março de 2021.
- COSTA, W. C. P.; CONCEIÇÃO, W. L. da. School physical education in the pandemic context in the municipality of Vigia de Nazaré in the state of Pará. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 10, p. e105101018728, 2021.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola**: implicação para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- GOULARTE, G. G.; BOSSLE, F. O covid-19, o ensino remoto e os novos acordes didáticos para o ensino da educação física: narrativas das experiências docentes. **Sobre Tudo**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 61-80, 2020.
- IZA, D. F. V.; BENITES, L. C.; SANCHES NETO, L.; CYRINO, M.; ANANIAS, E. V.; ARNOSTI, R. P.; SOUZA NETO, S. Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 8, n. 2, p. 273-92, 2014.
- LAIBIDA, V. L. B.; PRYJMA, M. F. **Evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**: professores voltados na permanência do aluno na escola. Paraná, Secretaria da Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, p. 2-18, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_utfpr_ped_artigo_vera_lucia_bortoletto_laibida.pdf>. Acessado em: 13 de março de 2021.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- OLIVEIRA, A. T. C.; ROCHA, L. L.; VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L. Professores (as) pesquisadores (as) de educação física na educação básica: idiosincrasias e fomento à formação na região metropolitana de Fortaleza. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, p. 143-151, 2019.
- RODRIGUES, M. M. O uso de novas tecnologias em turmas de EJA. In: Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre, 2010. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Letras. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueads/article/view/2468>>. Acessado em: 15 de junho de 2021.
- RODRIGUES, R. L. **Estado e políticas para a educação de jovens e adultos**: desafios e perspectivas para um projeto de formação humana. Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SANTOS, J. dos. **Populações ribeirinhas e educação do campo**: análise das diretrizes educacionais do município de Belém - PA, no período de 2005-2012. 2014. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- SILVA, A. J. F. da; SILVA, C. C. da; TINÔCO, R. de G.; ARAÚJO, A. C. de; VENÂNCIO L.; SANCHES NETO L.; FREIRE E dos S.; LAZARETTI DA CONCEIÇÃO, W. Dilemmas, Challenges and Strategies of Physical Education Teachers- Researchers to Combat Covid-19 (SARS-CoV-2) in Brazil. **Frontiers in Education**, Lausanne, v. 6, p. e583952, 2021.
- SILVA, A. J. F. da; SILVA, C. C. da; TINÔCO, R. DE G.; VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L.; ARAÚJO, A. C. DE. Desafios da educação física escolar em tempos de pandemia: notas sobre estratégias e dilemas de professores (as) no combate à Covid-19 (SARS-COV-2). **Cenas Educacionais**, Caetité, v. 4, p. e10618, 2021.
- SILVA, C. R. de O. **Metodologia e organização do projeto de pesquisa**: guia prático. Fortaleza: Editora da UFC, 2004.
- SILVA, E. A. P. da; ALVES, D. L. R.; FERNANDES, M. N. O papel do professor e o uso das tecnologias educacionais em tempos de pandemia. **Cenas Educacionais**, Caetité, v. 4, p. e10740, 2021.
- SILVA, H. I. da; GASPAR, M. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 99, n. 251, p. 205-21, 2018.
- SILVA, M. S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Kinesis**, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 80-94, 2012.
- SOPRANA, P. **Brasil tem cerca de 70 milhões de pessoas com acesso de internet precário ou inexistente**. Folha de S. Paulo, São Paulo: FSP, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/cerca-de-70-milhoes-no-brasil-tem-acesso-precario-a-internet-na-pandemia.shtm>>. Acessado em: 29 de maio de 2021.
- SOUZA, K. R.; SANTOS, G. B. dos; RODRIGUES, A. M. dos S.; FELIX, E. G.; GOMES, L.; ROCHA, G. L. da; CONCEIÇÃO, R. do C. M.; ... ; PEIXOTO, R. B. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, e00309141, 2021.
- SOUZA, M. L. A. (In) visíveis? Crianças quilombolas e a necropolítica da infância no Brasil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Esp., p. 1281-304, 2020.
- TOMAZINHO, P. **Ensino remoto emergencial**: a oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e se reinventar. Disponível em: <<https://www.medium.com/@paulotomazinho/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-da-escola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar-6667ba55dacc>>. Acessado em: 29 de maio de 2021.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

Este estudo não teve apoio financeiro.

ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

Wagner César Pinheiro Costa (Autor Correspondente)

ORCID: 0000-0003-1300-1259.

E-mail: wagnercesaref@gmail.com

Willian Lazaretti da Conceição

ORCID: 0000-0001-8143-6524.

E-mail: lazaretti@ufpa.br